

CLARICE LISPECTOR

EU SOU VÓS MESMOS

VINTE CONTOS

ATRÁS
editora



CLARICE LISPECTOR
EU SOU VÓS MESMOS (VINTE CONTOS)

1ª edição, janeiro 2026

© PAULO GURGEL VALENTE, 2025

© AGAL

© do prefácio, Flavia Trocoli

© do posfácio, Thayane Gaspar

© da ilustração interior de Clarice Lispector, Abraham Carreiro Fernández

© Clarice Lispector. Retrato, de Xose Bieito Arias Freixedo.

Técnica mista, 1.16 x 76 cm, 2008. Coleção “Pereiro-Teixeiro”

Associação Galega da Língua
Santiago de Compostela (Galiza)
atraves@a.gal
www.atraves-editora.com

ISBN: 978-84-10491-09-0

DL: C7-2026

Através do Brasil é uma coleção dirigida por Alva Martínez Teixeira
e Carlos Paulo Martínez Pereiro

Coordenação editorial: Valentim Fagim, Luigi Cavaliere e Diego Bernal

Revisão textual: Luigi Cavaliere e Diego Bernal

Diagramação e capa: Miguel Durão

Impresso na Galiza: Sacauntos Cooperativa Gráfica

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

Nota sobre a capa

A capa deste livro propõe um diálogo entre imagem e história. O rosto de Clarice Lispector, recriado pelo artista galego Xosé Bieito Arias Freixedo, surge acompanhado de palavras que evocam uma antiga máquina de escrever e que pertencem a uma carta escrita pela autora em junho de 1942, endereçada ao então presidente Getúlio Vargas.

Clarice, que acabara de alcançar a maioria legal aos 21 anos, solicita na carta que o seu processo de naturalização brasileira, em trâmite no Ministério da Justiça, fosse agilizado. Por um lado, o pedido nasce de um sentimento profundo de pertencimento, já que, desde a chegada ao Brasil ainda criança, a escritora afirma nunca ter se sentido estrangeira e rejeita a condição burocrática de ser “uma russa de 21 anos de idade”. Por outro, soma-se a isso o desejo de “casar-se com brasileiro e ter filhos brasileiros”.

Nos anos 1940, o Brasil vivia sob o Estado Novo (1937–1945), ditadura instaurada por Vargas e sustentada pela Constituição de 1937, conhecida como “polaca” por sua inspiração em legislações fascistas da Polônia de Józef Piłsudski e da Itália de Benito Mussolini. Nesse período, questões como a naturalização, a entrada e até a expulsão de estrangeiros do território nacional eram atribuições exclusivas do Poder Executivo. O artigo 115 era claro e determinava que a única via para o reconhecimento da nacionalidade brasileira era a naturalização formal.

Como prova de sua ligação com o país, Clarice apresenta-se como jornalista e ex-redatora da Agência Nacional, órgão controlado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939 como instrumento de censura e propaganda do regime. Ela atuou na produção de notícias e na divulgação das ações governamentais, sempre alinhadas à linha editorial oficial. Na própria carta, afirma: “Demonstrei minha ligação com esta terra e meu desejo de servi-la, cooperando com o DIP, por meio de reportagens e artigos distribuídos aos jornais do Rio e dos estados, na divulgação e na propaganda do governo de V. Ex.^a e, de um modo geral, trabalhando na imprensa diária, o grande elemento de aproximação entre governo e povo.”

Sua ligação com Getúlio Vargas era sobretudo profissional e circunstancial, própria do início de sua carreira, e não uma declaração de simpatia ideológica pelo presidente ou por seu regime. A carta não obteve êxito imediato, pois Clarice só se tornaria oficialmente brasileira em 12 de janeiro de 1943. Ainda assim, independentemente de qualquer garantia estatal, ninguém ousaria duvidar: Clarice é brasileira.

Santiago de Compostela, 7 de janeiro de 2026

Luigi Cavaliere Martínez

Índice

O delicado abismo da desordem
– o contar de Clarice Lispector | 11

AMOR | 17

UMA GALINHA | 27

A IMITAÇÃO DA ROSA | 31

FELIZ ANIVERSÁRIO | 47

A MENOR MULHER DO MUNDO | 57

OS LAÇOS DE FAMÍLIA | 63

MISTÉRIO EM SÃO CRISTÓVÃO | 71

O BÚFALO | 75

MACACOS | 83

O OVO E A GALINHA | 87

TENTAÇÃO | 95

VIAGEM A PETRÓPOLIS | 97

A QUINTA HISTÓRIA | 105

A LEGIÃO ESTRANGEIRA | 109

MINEIRINHO | 123

FELICIDADE CLANDESTINA | 127

RESTOS DO CARNAVAL | 131

AS ÁGUAS DO MUNDO | 135

ELE ME BEBEU | 139

É PARA LÁ QUE EU VOU | 143

Introdução à *la claricixousiana* | 145

Sucinta cronologia (bibliográfica) | 153

Glossário | 155

O delicado abismo da desordem – o contar de Clarice Lispector

A agonia de seu nascimento. Até então eu nunca vira a coragem. A coragem de ser o outro que se é, a de nascer do próprio parto, e de largar no chão o corpo antigo. E sem lhe terem respondido se valia a pena.

Clarice Lispector, em *A legião estrangeira*

Bruxa que sabe repetir a fórmula e calcular novas combinações. Eis aí o segredo alquímico dessa forma narrativa tão antiga e tão recente do contar.

Nádia Batella Gotlib, em *Clarice – uma vida que se conta*

A escrita de Clarice Lispector, uma vez mais, nasce em outro lugar.

Não começarei pela palavra desordem que consta do título deste brevíssimo Prefácio e que aponta para aquilo que abala a cronologia, o espaço referencial, a ordem patriarcal, as relações e nomeações estabelecidas e petrificados em um único sentido, mas sim pela palavra diáspora, pois é ela que aponta para uma certa agonia do nascimento de Clarice Lispector em 10 de dezembro de 1920, em Tchechelnik, na Ucrânia. Nesta direção, é interessante pensar que sua biógrafa e leitora arguta, Nádia Batella Gotlib, divide a biografia da autora, intitulada *Clarice – uma vida que se conta*, em itinerários geográficos. Como o disse a própria Lispector, em sua terra natal, ela foi apenas carregada no colo. Muitos e muitos anos mais tarde, na Polônia, alguém lhe pergunta se gostaria de ir até a Ucrânia, ao que ela responde negativamente. No início dos anos de 1920, a família de judeus em fuga – Pedro, Marieta e suas filhas Elisa, Tania e Clarice – primeiro desembarcam em Maceió, capital do estado de Alagoas, e depois instalam-se no Recife, capital de Pernambuco. Macabéa, personagem principal do último livro de Clarice, *A hora da estrela*, 1977, é alagoana e dramatiza a migração nordestina no sudeste do Brasil. Será nas ruas do Recife que muitos dos contos dramatizarão a dor e a alegria de crescer e de transitar entre a morte e a vida, entre a infância e a adolescência. A mãe de Clarice morre no Recife, quando ela tem apenas 9 anos e, em seguida, os quatro membros restantes partem de navio para o Rio de Janeiro.

É nesta cidade, portanto, que Clarice perderá também precocemente seu pai, estudará na Faculdade Nacional de Direito (UFRJ), construirá seu círculo de amigos escritores e se casará com o diplomata Maury Gurgel Valente. Em dezembro de 1943, Clarice Lispector publica seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, assim batizado pelo seu primeiro leitor, Lúcio Cardoso, a partir da associação da escrita de Clarice a *O retrato do artista quando jovem*, de James Joyce. É também neste início dos anos quarenta que Clarice deixa o Rio acompanhando seu marido na vida diplomática: primeiro aportaram em Belém, capital do estado do Pará; em seguida, moram em Nápoles, durante a segunda guerra, depois em Berna, cidade que Clarice chamará de “cemitério de sensações” e onde nasceu seu primeiro filho, Pedro em 1946; em Torquay, na Inglaterra, a família passou apenas seis meses. Em 1952, a família se instala em Washington, onde permaneceram por oito anos e de onde Clarice retornará para o Rio separada e com os dois filhos Pedro e Paulo, que nascera em Washington em 1953. Assim, *O lustre*, 1946, *A cidade sitiada*, 1948, e *A maçã no escuro*, 1961, foram romances escritos longe do Brasil, bem como o primeiro volume de contos *Laços de família*. E será no bairro do Leme, numa estreita faixa entre o verde da montanha e o azul do mar, que Clarice retomará sua escrita, publicará *A paixão segundo G.H.*, 1964, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de 1968, *Água viva*, 1973, e *A hora da estrela*, de 1977.* É também no Rio que Clarice morre em 9 de dezembro de 1977, uma manhã de sexta-feira, véspera de completar 57 anos. Ela que dissera: “Espero viver sempre às vésperas. E não no dia.” E: “O clímax da minha vida será a morte”. Feita essa breve viagem por um universo interminável, vamos aos contos sem, contudo, perder de vista o legado do romance de estreia.

* *A hora da estrela* tornou-se filme em 1985 sob direção de Suzana Amaral. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* ganhou leitura cinematográfica em 2022, sob o título *O livro dos prazeres* e direção de Marcela Lordy. Também em 2022, foi lançado o documentário *Clarice Lispector: a descoberta do mundo*, dirigido por Taciana Oliveira. Em 2024, *A paixão segundo G.H.*, o romance de 1964, tornou-se *A paixão segundo G.H.*, o filme, obra-prima dirigida por Luiz Fernando Carvalho. No teatro, a literatura de Clarice também tem forte penetração em leituras de atrizes como Aracy Balabanian, Beth Goulart e Maria Fernanda Cândido. Na televisão, a obra de Clarice ganhou formato de duas séries: *O que querem as mulheres?* (2010) e *Correio feminino* (2013), também sob direção de Luiz Fernando Carvalho.

Este livro – belamente nomeado *Eu sou vós mesmos: vinte contos* – reúne textos que, dispostos segundo as datas de sua publicação em livro, são representativos da invulgar e excepcional escrita da autora, no arco temporal que começa na década de 40 e se encerra na década de 70.* Como arbustos de um vasto e selvagem quintal, esses contos convivem entre eles, entre os romances, entre as crônicas, entre obras que dizem: “gênero não me pega mais” (Lispector, 2019, p.30). Assim, caberá a cada leitor, a cada leitora, ler cada conto nele mesmo e em relação aos seus outros. Oito das ficções provêm do livro *Laços de Família* (1960), seis de *A legião Estrangeira* (1964), a crônica-conto “Mineirinho” do volume *Para não esquecer* (1964) – mas publicada originalmente em 1962, na revista *Senhor* –, mais três contos de *Felicidade Clandestina* (1971) e, finalmente, um de cada uma das duas coletâneas publicadas pela ímpar autora em 1974, *A via crucis do corpo* e *Onde estiveste de noite*.

Antonio Candido, crítico incontornável para os nossos estudos literários, em 1944, ao recepcionar *Perto do coração selvagem*, no artigo “No raiar de Clarice Lispector”, foi o primeiro a dizer que a autora levou a língua portuguesa a zonas inesperadas, indicando o abandono de um lugar conhecido e os efeitos dessa desordem na linguagem clariciana. O início do artigo retoma a questão colocada por Machado de Assis, em “Instinto de Nacionalidade”, 1873, sobre a raridade do romance de análise nas letras brasileiras. Antes de afastar *Perto do coração selvagem* da categoria de romance de análise, o que Clarice fará vinte anos mais tarde em *A paixão segundo G.H.* dizendo que “a psicologia não lhe interessa e nunca lhe interessou”, Candido situa aquele que vem a ser o cerne problemático da obra de Clarice Lispector e de seu próprio artigo, a saber: “a verdadeira aventura da expressão”. No romance de 1943, Candido reconhece “uma tentativa impressionante para levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados” (Candido p. 127), transfigurando a experiência cotidiana em abertura de mundos novos. É o que acontece fortemente em “Amor”, “A imitação da rosa”,

* Recentemente, no Brasil, nos Estados Unidos, na Inglaterra e na França, foram publicados os volumes com todos os contos, ao todo 85, com prefácio do biógrafo de Clarice Lispector, Benjamin Moser, que chama a atenção para a figura mitológica de Clarice Lispector que, além de estar ao lado de grandes escritores como Machado de Assis e Guimarães Rosa, causa fascínio (e horror!) por sua figura enigmática de estrangeira e nordestina, de mulher burguesa e olhar agudo para as diferenças de classe, de grande escritora e reticente quanto aos debates intelectuais, de mãe dedicada e mulher de olhar fatal.

“O ovo e a galinha”, para citarmos apenas três entre os vinte contos deste volume.

Talvez continue a ser bem-vinda a imagem do mar – “a mais ininteligível das existências não humanas”, ou das ondas que se fazem e se desfazem, para dizer do que afunda, do que boia, do que navega, do que atravessa, do que morre e do que renasce nessa imensa carta que lançamos além-mar, reunindo vinte contos clariceanos. Nesses contos, escutam-se os fios que atravessam toda a obra clariciana: a infância, a adolescência, a velhice, a criação, a destruição, o amor, a beleza e a morte – todos esses elementos entrelaçados ao falar e à escrita como perguntas sobre como estar diante de um outro que escapa ao já visto e ao já dito – delicado abismo da desordem?

Nesse abismo da vida e da palavra, a leitora e o leitor encontrarão um explorador francês diante da menor mulher do mundo grávida, no Congo; uma velha avó diante da família que celebra seu aniversário e, no entanto, mal a vê; um ovo visto em estado de aparição; uma mulher diante da beleza extrema das rosas; uma mulher que quer aprender a odiar no Jardim Zoológico; uma mulher que aprende a amar sem limites no Jardim Botânico. Assim, por exemplo, pode-se pensar que a travessia que Ana, no conto “Amor”, 1960, faz do bonde até o Jardim Botânico a transforma naquela que guardará mais de uma camada: a da pequena chama do dia de uma dona de casa ocupada pelo familiar e a da mulher que, diante de um cego mascando chicletes, viu sua rede de contenção se romper e sua vida extravasar em direção ao puramente vivo de um jardim. Espaço e tempo não mais vistos pela sua ordem cultivada, mas pelo êxtase desentranhado de uma pura vida que respira antes da ordem da razão e do sentido.

Nádia Batella Gotlib foi no ponto preciso quando leu no primeiro capítulo de *Perto do coração selvagem* “uma poética do narrar [...] cena de origem de toda uma produção [...]” (GOTLIB 1995, p.169). O primeiro capítulo do primeiro romance flagra o tédio de Joana, a protagonista, ainda criança. Desse tédio nasce a poesia, espaço do não-sentido. Não-sentido apontado pelo pai da menina justamente ao lhe cobrar um sentido: “Papai, inventei uma poesia. – Como é o nome? – Eu e o sol. – Sem esperar muito recitou: - “As galinhas que estão no quintal já comeram duas minhocas mas eu não vi”. – Sim? Que é que você e o sol tem a ver com a poesia? Ela olhou-o um segundo. Ele não compreen-

dera...” (Lispector 2022, p.24) A poesia de Joana, no que ela carrega de justaposição inusitada e de uma visão que desordena as relações causais habituais, antecipa e condensa, como cena originária, o que virá mais tarde nos outros romances, nos contos e nas crônicas. Como, por exemplo, no monólogo final de G.H.: “nunca mais compreenderei o que eu disser. Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim? como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e não entendo o que digo. E então adoro. - - - - -” (Lispector, 2020, p. 181)

No ensaio “Viver a laranja”, Hélène Cixous pensa que Clarice “chama as coisas pelo seu primeiro nome”, isto é, como se, num tempo não cronológico, Clarice nos oferecesse uma estética e uma ética do momento em que as coisas nascem. Clarice busca uma palavra que esteja mais próxima da sombra das coisas, quando elas ainda não estão inteiramente ordenadas pelo conceito, pelo hábito, pelo mercado, enfim, por aquilo que Cixous nomeará como o império do pior, quer dizer: a posse. É nessa direção que este livro nomeado, em síntese e em enigma, *Eu sou vós mesmos*, chama pelas crianças, pelas mulheres, pelos que não falam a mesma língua, pelos que estão à borda da língua, pelos desamparados e pelos segregados. Eles estão inscritos nesta carta, cheia de feitiço e de segredo do mais vivo contar, que lanço ao mar como quem espera a leitura que está sempre no só-depois, no instante-já e na véspera. É preciso deixar a porta aberta para esperar e se surpreender com esse delicado abismo da desordem.

Rio, 2 de janeiro de 2026

Flavia Trocoli



Amor

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação.

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida.

Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se. No entanto sentia-se mais sólida do que nunca, seu corpo engrossara um pouco e era de se ver o modo como cortava blusas para os meninos, a grande tesoura dando estalidos na fazenda. Todo o seu desejo vagamente artístico encaminhara-se há muito no sentido de tornar os dias realizados e belos; com o tempo seu gosto pelo decorativo se desenvolvera e suplantara a íntima desordem. Parecia ter descoberto que tudo era passível de aperfeiçoamento, a cada coisa se emprestaria uma aparência harmoniosa; a vida podia ser feita pela mão do homem.

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos,

viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolhera.

Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto – ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranquila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera.

O bonde vacilava nos trilhos, entrava em ruas largas. Logo um vento mais úmido soprava anunciando, mais que o fim da tarde, o fim da hora instável. Ana respirou profundamente e uma grande aceitação deu a seu rosto um ar de mulher.

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto.

A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego.

O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar – o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinação, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada – o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão – Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava – o bonde estacou, os passageiros olharam assustados.

Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se apurava pálida. Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgira-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível. O moleque dos jornais ria entregando-lhe o volume. Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia. O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede e, entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde deu a nova arrancada de partida.

Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascarando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito.

A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível... O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas na rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão – e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir. Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao

banco da frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coisas pudessem ser revertidas com a mesma calma com que não o eram.

O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. O calor se tornara mais abafado, tudo tinha ganho uma força e vozes mais altas. Na Rua Voluntários da Pátria parecia prestes a rebentar uma revolução, as grades dos esgotos estavam secas, o ar empoeirado. Um cego mascando chicles mergulhara o mundo em escura sofreguidão. Em cada pessoa forte havia a ausência de piedade pelo cego e as pessoas assustavam-na com o vigor que possuíam. Junto dela havia uma senhora de azul, com um rosto. Desviou o olhar, depressa. Na calçada, uma mulher deu um empurrão no filho! Dois namorados entrelaçavam os dedos sorrindo... E o cego? Ana caíra numa bondade extremamente dolorosa.

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca.

Só então percebeu que há muito passara do seu ponto de descida. Na fraqueza em que estava tudo a atingia com um susto; desceu do bonde com pernas débeis, olhou em torno de si, segurando a rede suja de ovo. Por um momento não conseguia orientar-se. Parecia ter saltado no meio da noite.

Era uma rua comprida, com muros altos, amarelos. Seu coração batia de medo, ela procurava inutilmente reconhecer os arredores, enquanto a vida que descobrira continuava a pulsar e um vento mais morno e mais misterioso rodeava-lhe o rosto. Ficou parada olhando o muro. Enfim pôde localizar-se. Andando um pouco mais ao longo de uma sebe, atravessou os portões do Jardim Botânico.

Andava pesadamente pela alameda central, entre os coqueiros. Não havia ninguém no Jardim. Depositou os embrulhos na terra, sentou-se no banco de um atalho e ali ficou muito tempo.

A vastidão parecia acalmá-la, o silêncio regulava sua respiração. Ela adormecia dentro de si.

De longe via a aleia onde a tarde era clara e redonda. Mas a penumbra dos ramos cobria o atalho.

Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiro de árvores, pequenas surpresas entre os cipós. Todo o Jardim triturado pelos instantes já mais apressados da tarde. De onde vinha o meio sonho pelo qual estava rodeada? Como por um zunido de abelhas e aves. Tudo era estranho, suave demais, grande demais.

Um movimento leve e íntimo a sobressaltou – voltou-se rápida. Nada parecia se ter movido. Mas na aleia central estava imóvel um poderoso gato. Seus pelos eram macios. Em novo andar silencioso, desapareceu.

Inquieta, olhou em torno. Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal ciscava na terra.

E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber.

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos.

Ao mesmo tempo que imaginário – era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudos, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante.

As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos, enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre

as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado... O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno.

Era quase noite agora e tudo parecia cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo.

Mas quando se lembrou das crianças, diante das quais se tornara culpada, ergueu-se com uma exclamação de dor. Agarrou o embrulho, avançou pelo atalho obscuro, atingiu a alameda. Quase corria e via o Jardim em torno de si, com sua impersonalidade soberba. Sacudiu os portões fechados, sacudia-os segurando a madeira áspera. O vigia apareceu espantado de não a ter visto.

Enquanto não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre. Correu com a rede até o elevador, sua alma batia-lhe no peito – o que sucedia? A piedade pelo cego era tão violenta como uma ânsia, mas o mundo lhe parecia seu, sujo, perecível, seu. Abriu a porta de casa. A sala era grande, quadrada, as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava – que nova terra era essa? E por um instante a vida sadia que levava até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver. O menino que se aproximou correndo era um ser de pernas compridas e rosto igual ao seu, que corria e a abraçava. Apertou-o com força, com espanto. Protegia-se trêmula. Porque a vida era periclitante. Ela amava o mundo, amava o que fora criado – amava com nojo. Do mesmo modo como sempre fora fascinada pelas ostras, com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provocava, avisando-a. Abraçou o filho, quase a ponto de machucá-lo. Como se soubesse de um mal – o cego ou o belo Jardim Botânico? – agarrava-se a ele, a quem queria acima de tudo. Fora atingida pelo demônio da fé. A vida é horrível, disse-lhe baixo, faminta. O que faria se seguisse o chamado do cego? Iria sozinha... Havia lugares pobres e ricos que precisavam dela. Ela precisava deles... Tenho medo, disse. Sentia as costelas delicadas da criança entre os braços, ouviu o seu choro assustado. Mamãe, chamou o menino. Afastou-o, olhou aquele rosto, seu coração crispou-se. Não deixe mamãe te esquecer, disse-lhe. A criança mal sentiu o abraço se afrouxar, escapou e correu até a porta do quarto, de onde olhou-a mais segura. Era o pior olhar que jamais recebera. O sangue subiu-lhe ao rosto, esquentando-o.

Introdução à *la claricixousiana*

E sob o olhar atento de Clarice Lispector cada acontecimento eclode, o ordinário se abre e mostra seu tesouro que é precisamente... ordinário. E de repente chega como uma rajada – de vento, de fogo, uma mordida: a vida.

Hélène Cixoux, *A hora de Clarice Lispector*

Clarice Lispector é uma convocação confundida com uma evocação/ invocação ontológica de uma vocação literária, uma cacofonia para abafar os gritos de chamamentos para uma reunião soliloquiada e conjurada para dentro e para fora das palavras e também das palavras que nós somos: “Clarice chama. Ela nos evoca. Ela é uma força”, como também tem afirmado Cixoux. Clarice nunca foi chamada por seu nome, refiro-me ao primeiro que teve (Chaya, que significa “vida”), e presumo que viveu uma vida inteira interessada no nome oculto das coisas, como menciona seu biógrafo Benjamin Moser e como confessa a personagem clariciana G.H., cujo nome tampouco é revelado: “O resto era o modo como pouco a pouco eu havia me transformado na pessoa que tem meu nome. E acabei sendo meu nome”.

Moser chama a atenção para os temas que são constantemente reiterados no espólio clariciano: o seu nome perdido, o sofrimento de sua mãe, e as marcas de sua ausência. Esse nome que se aposenta parece pôr a cabeça para fora da água, de tempos em tempos, para respirar em sua literatura, como registra a própria escritora na obra póstuma *Um sopro de vida (pulsações)*: “Há tantos anos me perdi de vista que hesito em procurar me encontrar. Estou com medo de começar. Existir me dá às vezes tal taquicardia. Eu tenho tanto medo de ser eu. Sou tão perigoso. Me deram um nome e me alienaram de mim”.

Os nomes, geralmente, indicam, apontam, preludiam, nos anunciam. Na obra de Clarice não saber o nome é o segredo que não interrompe e não denuncia o intenso fluxo da vida íntima: “Essa coisa cujo nome desconheço, era essa coisa que, olhando a barata, eu já estava conseguindo chamar sem nome”, como escreveu em *Paixão segundo G.H.* Esse era o poder de Clarice: adivinhar os mistérios que nem sequer ousamos nomear.

Para Flavia Trocoli, no ensaio “A experiência da paixão: Da restituição impossível ao ato de invenção”, parte da genialidade de Clarice é o feito de ela permitir “existir essa coisa sem nome”. E esclarece: “Esse dar existência não é um não dito, mas um dito que justamente remonta a um dizer impossível”. Novamente convocar, convidar, chamar, trazer à baila o instante do estalo, da ruptura de um antes e de um depois, ou de reconhecer o que antes não era reconhecível ou fora esquecido e precisa ser rememorado, embora não seja sequer pretérito e sim o “instante-já” clariciano: “Talvez eu ache um outro nome, tão mais cruel a princípio, e tão mais ele-mesmo”.

Toda a placenta que envolve sua obra é um “chamado esfomeado”, algo que se perde e se acha, como torvelinhos que não cessam de nos derrubar, movimentos que começam com uma intenção violenta, mas que se detêm no ar, se perdem, somem, para se achar novamente o que se dava por perdido ou oculto. Rebentos de ondas em hiatos que se iluminam, que se coadunam sem muita cronologia ou linhas que permitam o fôlego. Algo que levanta e não repousa, fica num entrelugar metafísico, humano, mas também animal, originário-perdido-do-eterno-retorno e em constante mutação e tradução. É a evocação de um nome perdido. O dela, o nosso, do mundo, de Deus. A busca pela expressão, pela palavra que, para Clarice Lispector, “adia o silêncio”.

Hoje, Clarice Lispector tem muitos mais nomes e epítetos graças aos leitores e às suas leitoras, mas sobretudo à sua crítica literária. Esse jogo de achar o secreto perdido é perigoso. Pelo menos essa foi a minha impressão depois de ter aceitado a empreitada de tentar descortinar parte da obra dela aqui. Me senti perseguida. Invadida. (Ex)Posta ao inverso e ao avesso das narrativas.

De repente, Clarice estava habitando muito: as exposições às quais eu era convidada nos finais de semana, me perseguia no palco das peças em cartaz na cidade, me espiava detrás do balcão nas paredes do Britan Bar no bairro da Glória, me encurralava em algumas esquinas do Leme, mas o encontro mais significativo foi especialmente na disciplina, em que fui inscrita equivocadamente no meu programa de pós-graduação, “Diante do corpo materno”, ministrada pela grande especialista em Clarice Lispector, Flavia Trocoli, de quem fui aluna coincidentemente no momento de elaboração destas páginas que se alimenta de suas maçãs e laranjas.

Esse texto que esteve por tanto tempo tão cru e pouco atrativo ao nosso paladar, mas que finalmente pôde fermentar com as leituras propostas pela Flavia como tarefas para casa. Foi precisamente depois de reler *A paixão segundo G.H.* para a sua aula, obra que Flavia Trocoli leva três décadas desafiando em salas de aulas, que me rendi à presença de Clarice e esse texto se rendeu a mim. Tudo que está aqui deveria estar entre aspas, tomo empréstimos da língua, da escrita e da vida de certas mulheres: Clarice, Hélène, Flavia. O mérito é delas, piso numa casa como visita e não como proprietária, tal qual à casa de G.H.: “A espirituosa elegância de minha casa vem de que tudo aqui está entre aspas. Por honestidade com uma verdadeira autoria, eu cito o mundo, eu o citava, já que não ele não era nem eu nem meu”. Todo o meu texto deveria estar entre aspas. Cito mais do que crio, porque Clarice não me pertence tampouco. Nesse relógio do verbo: a hora é delas três. Foi Flavia quem pôs a palavra em meu ouvido, como diz Cixous sobre Clarice.

Mas, ainda assim, durante a produção desse material fui impelida constantemente a pisar também em searas antes desertas, habitadas apenas por uma presença sem grau de presença, ou uma presença inconsciente de onde vinha a sua inspiração que logo era elaborada e se permitia vir à superfície, como afirmou a autora de origem ucraniana em entrevista a Isa Cambará. Quis fugir de Clarice. Mas não se foge de alguém que se empresta e se presta a ser sua língua, ser seu nome ou, como diz Hélène Cixous, que a força de Clarice é, entre tantíssimas outras forças arrebatadoras que impõe, estar “diante das portas das coisas”. E também das janelas. Que impregnam o interior com o exterior, ou justamente o contrário. Mas Clarice é força insolente e não espera consentimento nenhum para nos abrir, forçar entrada, nos morder e nos relevar (ou devolver?) o que a ensaísta franco-argelina denominou “uma fome ordenada”.

Essas páginas não vão nos saciar. Vão nos devorar as laranjas e as maçãs. E o que mais brotar com ganância nutriz, porque o ímpeto de inventar nomes é matriz clariciana e pelo nome, tal qual um código num cade(nci)ado, abri-las e espiar com assombro o interior e o limiar de todo espaço que é também um quarto de empregada vazio. Vazio, mas sonoro. As coisas se conversam. O ouvido pesa. Somos nós que somos surdas e surdos para elas. Ou, em língua Cixous: “Trabalho: Clarice. O

trabalho de desesquecer, de desenterrar, de descegar e de desensurdecer: Clarice nos dá exemplo: nos lembra a urgência, a recompensa”.

É por tantas baratas, laranjas e maçãs mordidas que em todas as camadas descascadas desse palimpsesto continham alguma referência esfíngica ecoada pela frase “Decifra-me ou te devoro”. Só o segundo é uma opção de proposição real. Ler Clarice sempre me arremeteu à mordida e, infelizmente, a cravada dos dentes tinha como destino, muitas vezes, a minha carne e a carne das coisas, especialmente aquelas que não foram pensadas para serem apetitosas quando estamos coordenados pelo que nos sobra quando temos nossos impulsos subtraídos e racionalizados.

E, por fim, sinto-me um *mâitre* que gostaria de recomendar todo o cardápio, mas que teve de se ater aos pratos principais. E está tudo bem, porque são os contos de Clarice que nos devoram por dentro. Pelo menos foi assim que me senti num encontro extremamente prematuro que tive com a sua literatura aos nove anos de idade. Na casa dos meus pais na zona norte do Rio de Janeiro, figurava uma estante enorme, com dezenas de prateleiras e gavetas que nós alimentávamos com livros de segunda mão e outros que minha mãe, a principal leitora da casa, havia arrastado pela sua vida. Naquela época tínhamos uma vida bem mais humilde do que a vida que nós quatro levamos agora, e o livro em questão havia sido adquirido numa feira de rua que acontecia toda terça-feira na rua Odorico Mendes, no bairro do Cachambi. No final das barraquinhas de frutas e legumes, sempre estavam à nossa disposição um quiosque de pastel com caldo de cana e alguns caixotes jogados no chão, junto com os restos esquecidos da “xepa”^(*), em cima dos quais um homem de roupa sempre amarrotada vendia livros usados. Eu me lembro disso e espero não estar cedendo à minha fabulação, uma vez que também sou escritora e que o terreno da infância é cheio de lacunas que a criação tenta pavimentar. Espero meus pais possam fazer uma triagem dessas madalenas proustianas que eu ofereço a vocês a partir de agora. Mas eu me lembro destas imagens, folhas murchas de alfaces, o limite da rua Odorico com a José Bonifácio, que dizia que a feira terminava ali, e as dezenas de livros da coleção “Inspetora” da editora Ediouro que eu consumia e um sobre Tutancâmon.

(*) Momento no fim das feiras de rua em que os restos tendem a ter um valor mais baixo.

Quando sobrava algum dinheiro, minha mãe nos perguntava: “Vocês querem gastar este troco comendo pastel e bebendo caldo de cana ou escolhendo um livro?”. Quando pequena, minha irmã não gostava de ler (não se preocupem, nós a salvamos e hoje ela lê afoitamente), então seu voto era pelo pastel e caldo de cana. Frequentemente, minha mãe precisava alternar e desempatar os votos, equilibrando o antagonismo da natureza da fome que tínhamos minha irmã e eu. Num desses dias de votação ganha, minha mãe me comprou um livro fino de contos escritos por Clarice Lispector. Eu não entendi nada. Devolvi o exemplar à estante, frustrada e envergonhada de não poder devorar aquele livro como teríamos feito com o pastel de queijo. Não percebi que aquela vergonha tinha dentes, língua e uma boca. Eu havia sido chamada por algum nome que ninguém me chamou antes, pois como diz de novo Cixous: “Clarice é nome de uma mulher que chama a vida pelo nome. E todas as mulheres que nos lembram da vida, lembram Clarice, chamam a vida pelo nome Clarice. A vida se chama Clarice”.

Ler Clarice é um exercício de alteridade em que o conceito ousa ser hiperbólico. Clarice vai primeiro. E somos obrigadas a imitá-la. Não há leitor/leitora passivo/passiva. Somos sempre GH e a barata se confundindo, devorando-nos mutuamente. Flavia Trocoli se refere a isso como uma “alteridade radical”, “uma confusão com objeto”. E se confundir ou incompreender, ou pensar que entendeu e lhe ser negado o entendimento na frase seguinte, é um imperativo: “a falta de sentido é o sentido”. A incompreensão é necessária, encorajada, esperada, companheira, pois “[a] literatura de Clarice é um modo de retornar ao espanto”.

Alguns dos textos ficcionais que se seguem ensinam revelações, epifanias, rupturas abruptas com a banalidade cotidiana por meio do reconhecimento da fresta misteriosa de suas porosidades e camadas habitáveis pelo insólito iniciático em que tudo acontece ao mesmo tempo, numa temporalidade atrapalhada que nos autoriza sermos muitas coisas num espaço que, antes de Clarice, não era nada: a percepção súbita em que o equilíbrio é ameaçado e nunca se restaura.

Esses contos de diferentes épocas e publicações oferecem um percurso pelas diversas faces-fases, prematuras e maduras, das experiências humanas, ontológicas, metafísicas incitadas pela escritora, mas, sobretudo, pelo meio desse universo feminino e subjetivo implícito ou

explícito. Embora os textos sejam heterogêneos e não pareçam respeitar um fio condutor, em certa medida, há em todos eles um convite a diversas naturezas de mordida. Às vezes fomentam a estranheza, este traço íntimo e entremeado na prosa de Clarice Lispector que se dá pela problematização dos limites da palavra, a relação com o sagrado e com o indizível; a alteridade e a diferença; e os momentos que iluminam a nossa condição humana ou nos desprendem dela. É através da evidência da pluralidade na unidade de sua produção e da sua complexidade, tudo é intenso e imenso, como uma boca dentada.

Não estou segura se me cabe dizer mais, pois pegamos emprestada de G.H. a resignação de entender a forma como uma “obrigação”, uma “ameaça” a sua “montagem humana”, dissolúvel, fatal, caótica.

Enfim, respeitemos o medo da limitação e deixemos respirar nesta introdução tudo o que não se apreende e orbita em Clarice. Precisamos garantir que Clarice não morra sufocada nos protocolos, na mitificação e mistificação, e lembrar que Clarice é uma água viva, por meio da qual “não cessamos de nascer” como Flavia Trocoli me ensinou em suas aulas.

Thayane Gaspar

Sucinta cronologia (biobliográfica)

- 1920 — Nasce Chaya Pinkhasovna Lispector, em Tchechelnik (atual Ucrânia), em 10 de dezembro, filha de Pinkhas e Mania Lispector, judeus que emigram para o Brasil após a Primeira Guerra Mundial.
- 1922 — A família chega ao Brasil, primeiro em Maceió (AL), fugindo da guerra e dos *pogroms*.
- 1925 — Muda-se para Recife (PE), onde passa a infância e adota o nome Clarice.
- 1930 — Morte da mãe, Mania Lispector, em decorrência de sífilis, contraída após a violência sexual sofrida nos *pogroms*.
- 1935 — Muda-se para o Rio de Janeiro com o pai e as irmãs, após dificuldades financeiras.
- 1939 — É aprovada na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, durante o curso é empregada como redatora na Agência Nacional e depois no jornal A Noite.
- 1940 — Publica seu primeiro conto, *Triunfo*, na revista Pan.
- 1941 — É internada e submetida à sonoterapia para tratar da sua depressão.
- 1943 — 12 de janeiro de 1943, Clarice Lispector se naturaliza brasileira e casou-se com Maury Gurgel Valente, ex-colega de faculdade. Publica o romance *Perto do coração selvagem*.
- 1944-1949 — Acompanha o marido em missões diplomáticas em Nápoles (Itália) e Berna (Suíça); continua escrevendo.
- 1946 — Publica *O lustre*.
- 1948 — Nasce, em Berna, seu primeiro filho, Pedro Gurgel Valente, batizado em homenagem ao seu avô. Publica *A cidade sitiada*.
- 1951 — Sofre um aborto espontâneo durante sua estadia em Londres.
- 1952 — Transfere-se para os Estados Unidos (Washington, D.C.) com o marido e o filho.
- 1953 — Nascimento do segundo filho, Paulo Gurgel Valente.
- 1956 — Publica *A maçã no escuro*.
- 1959 — Separa-se de Maury Gurgel Valente e retorna definitivamente ao Brasil, estabelecendo-se no Rio de Janeiro.
- 1960 — Publica a coletânea de contos *Laços de família* (contos), ganhando o Prêmio Jabuti.
- 1961 — Publica *A maçã no escuro*.

Glossário

- Abastança: situação de quem tem dinheiro e vive com conforto
- Aboletar-se: sentar-se ou instalar-se de maneira confortável
- Acaju: de cor castanha
- Aleijado: pessoa que tem uma deformação ou dificuldade num membro do corpo
- Arrumado: organizado; em ordem; com boa aparência
- Babá: pessoa que cuida de crianças pequenas
- Babado: enfeite de tecido franzido, comum em mangas, saias ou golas
- Baque: queda ou impacto forte; grande surpresa negativa
- Bassê: raça de cão francês.
- Batom: Cosmético usado para pintar os lábios.
- Beliscão: apertão na pele feito com os dedos
- Boates: discotecas
- Bonde: veículo de transporte público urbano sobre trilhos
- Brotinho: pessoa jovem e atraente (uso informal)
- Bula: texto que acompanha um remédio, com instruções de uso e informações importantes
- Buquê: conjunto de flores arranjadas, geralmente para presente
- Cabide: cruzeta, aparelho para pendurar roupa.
- Cacete: que ou quem provoca aborrecimento
- Cacetear: causar aborrecimento
- Cachorro: cão
- Calçada: parte da rua destinada aos pedestres
- Camisola: peça de roupa usada na parte de cima do corpo, geralmente para dormir
- Caprichada: esmerada, esforçada
- Castiçal: objeto onde se coloca uma vela
- Chapeleiro: pessoa que faz ou vende chapéus
- Cílios: pestanas
- Coçar: esfregar a pele com a mão ou outro objeto para aliviar coceira ou incômodo
- Cochilar: dormir levemente por pouco tempo
- Cogitar: pensar com insistência.
- Corno: pessoa traída pelo parceiro amoroso (uso popular e ofensivo)
- De braço dado: caminhar com o braço entrelaçado ao de outra pessoa